



LIVROS PREMIADOS

Sergio Buarque de Holanda

SEGUNDO todas as aparências, o objetivo da instituição do Prêmio Fábio Prado, que há alguns anos vem sendo regularmente distribuído por intermédio da Associação Brasileira de Escritores de São Paulo, nem sempre pôde ser cumprido à risca. Visava e visa, esse concurso, a estimular o desenvolvimento de valores novos nas letras e na cultura brasileiras, revelando-os, ao mesmo tempo, se possível, a um público numeroso. Em mais de um caso sucedeu, porém, que, não havendo entre candidatos ao prêmio nenhum autor propriamente "novo", pareceu às comissões julgadoras que a escolha poderia recair sobre algum representante da categoria, às vezes discutível, dos consagrados.

O fato é que não só tinham razão os juizes que assim pensavam como os "consagrados" que se candidavam, já que o regulamento inicial não firmara expressamente este ponto. Corrigiu-se depois a falha, com o estabelecimento de novas normas onde se determinam claramente as finalidades do concurso.

Tal circunstância, mais a recente decisão do doador de elevar substancialmente o montante do prêmio — decisão que se seguiu ao gesto naturalmente inócuo e um tanto extravagante da chamada seção do Distrito Federal da A.B. D.E., pretendendo intimar sua antiga congênere paulista a renunciar à própria existência e sobretudo ao próprio patrimônio — vieram contribuir, sem dúvida, para realçar a iniciativa do sr. Fábio da Silva Prado, cujo devotamento generoso às coisas da inteligência já se evidenciara quando, prefeito de São Paulo, criou o Departamento de Cultura e a atual Biblioteca Municipal.

E' muito provável que um excessivo fervor confessional ou partidário não tenda precisamente a favorecer a isenção em matéria de julgamentos, mesmo de simples julgamentos literários. No caso, se a associação de São Paulo renunciou a servir interesses desta ou daquela confissão política, por mais respeitável que fosse, a fim de procurar servir aos escritores de todos os credos e partidos, conforme demonstra o incidente mencionado, tudo faz esperar que saiba manter a mesma independência e o mesmo desejo de acertar nos concursos confiados ao seu critério.

Que é possível acertar, prova-o aparentemente a menção de alguns nomes de autores e livros que receberam o prêmio nestes três ou quatro anos. Um desses livros, por exemplo, o estudo de Oneyda Alvarenga sobre a música popular

considerado por entendidos como obra mestra no assunto. Sem querer ser, embora, cururueiro de uma toada só, como lá dizem os meus amigos cantadores de Cuiabá, venho hesitando em abordar, nestes artigos, uma obra que anda longe das minhas searas. Se a abordasse, seria possivelmente com aquele espírito de boi ladrão, não com a perícia e capacidade de "crítica construtiva", como se diz, revelados nos importantes comentários que o livro sugeriu ultimamente a Augusto Meyer.

FALARIA ao menos com mais denodo nos trabalhos sociológicos e antropológicos de outro estudioso de assuntos brasileiros: o sr. Florestan Fernandes. Já me ocupei em outro lugar de seu livro acerca da Organização Social dos Tupinambé, que para o público não especializado pode-se dizer que foi uma revelação do Prêmio Fábio Prado, e espero ocupar-me algum dia de seu trabalho mais recente — uma análise funcionalista da guerra — se me parecer que o assunto tem cabimento nestas notas. De ambos dizia-nos, não há muito, com sua grande autoridade, o professor A. Métraux, que se inscreveram definitivamente entre as contribuições indispensáveis para o conhecimento de nosso passado pré-colonial.

Em verdade não sei quem represente melhor, no Brasil atual, do que o sr. Florestan Fernandes, esse espírito incutido em grande parte pelo tirocínio em nossos novos institutos universitários, que vai empolgando felizmente toda uma geração de estudiosos. Já me ocorreu, nestes mesmos artigos, destacar o papel decisivo que aquele tirocínio poderá vir a exercer na abertura de novos caminhos para a inteligência brasileira, e não só no terreno das ciências.

E' certo que não hesitaria em denunciar, com a mesma ênfase, o que me parecem ser claramente caricaturas trôpegas e por vezes

atrozmente provincianas da disciplina científica ou do artesanato literário. Não nos faltam hoje os livre-atiradores da ciência e da literatura, que se vão apegando com sofreguidão tanto mais manifesta à exigência de disciplina e método, quanto mais se acham alheios a ela, pela sua formação e ainda por seu temperamento. A exigência, no caso, é evidentemente compensatória: não espanta, por conseguinte, que se paramente do rancoroso zelo dos cristãos novos. Ao derramar-se, às vezes, no brilho falsamente erudito ou na solene invocação de princípios rígidos e, ao cabo, apenas caprichosos, a impressão que nos deixa é a de uma incurável vacuidade cultural e mental.

SEMPRE fomos excessivamente ferteis, no Brasil, em burocratas atentos à letra da lei — incapazes, por isso, de qualquer iniciativa livre —; em legistas que legislam no vazio; em inflexíveis gramáticos, que não sabem escrever; em metrificadores incapazes de poesia; em retóricos altissonantes, que zombam da verdadeira eloquência. O amor, não raro platônico — é verdade —, aos sistemas imperiosos e absolutistas sempre o tivemos, por mal dos nossos pecados. Não é deles, da sua pretensa disciplina, que carecemos com urgência. Professando lutar contra o espírito de improvisação, estão adstritos a esse espírito, e de fato lhe pertencem, como o reverso obrigatório da mesma medallha.

Não há mal, ao contrário, em que existam disciplinas exigentes e eficazes; muito mais importante, porém, é que exista o que disciplinar. Um moderno profeta anglo-americano da disciplina em literatura escreveu, certa vez, que a poesia não é um meio de se expandirem as emoções, porém de se fugir às emoções; não é uma

(Conclui na 6.ª página)

LIVROS...



(Conclusão)

expressão da personalidade, mas uma evasão da personalidade. "Mas naturalmente", acrescentava, "só os que têm emoção e personalidade podem saber o que significa evitar essas coisas". O mesmo, em palavras diferentes, quis dizer o poeta Fernando Pessoa quando afirmou, numa das suas páginas de doutrina estética, que a arte, para surgir, há de ser de um indivíduo, e para não morrer, como que estranha a ele.

DE ALGUNS dos nossos novos doutrinadores da literatura e até dos novos poetas cabe suspeitar que só aprenderam a segunda parte da lição, isso vale dizer que não aprenderam nada. Sua exaltação, às vezes, truculenta da norma, da técnica, do sistema, representam, assim, um pobre sucedâneo, um *ersatz*, para a sabedoria cu a poesia, não um freio para a improvisação ou a inspiração.

Ao menos no caso dos poetas, parece-me, contudo, que não seria de justiça falar na regra geral sem consignar algumas exceções significativas. Entre elas, eu creio que situaria, sem nenhuma dúvida, um Geir Campos — mas seria lícito incluí-lo entre estes "apolíneos"? —, um José Paulo Moreira da Fonseca, um João Cabral de Melo Neto. E, não menos, um